REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXI Volume	Redacção e Administração Travessa do Convento de Jesus, 4	20 de Maio de 1908	Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial *Praça dos Restauradores, 7*	N.º 1058

A Aclamação de El-Rei D. Manuel II

S. M. EL-REI D. MANUEL II — QUADRO DE COLUMBANO DESTINADO Á SALA DA SECÇÃO PORTUGUEZA DA EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO

(De fotografia do sr. Arnaldo da Fonseca)

Chronica Occidental

Lisboa foi mimoseada um d'estes dias com a noticia de que ia caír sobre ella o peso de mais um novo monopolio. Disse-se que os negociantes de farinha queriam monopolisar a compra do trigo, procurando juntar numa só as percentagens de importação do trigo estrangeiro que a cada uma das fabricas colligadas cabe na respectiva matricula. Era facil de comprehender o alcance do plano. Hoje o productor do trigo tem para lh'o comprar diversos pretendentes. Feito o *trust*, desapparecia a concorrencia, ficando apenas um comprador que faria a lei.

Sendo muitos os compradores, a sua situação é desafogada; havendo um só, o lavrador naquellas condições teria de sujeitar-se a tudo, ficaria á mercê do fabricante, que enriquece fabulosamente.

Pois senhores: Lisboa ouviu isto, e foi como se lhe dissêssem a coisa mais natural do mundo.

Que outros se afflijam com a carestia da alimentação publica porque o alto preço das subsistencias, conjugado com a impureza do que se côme e do que se bebe, constitue uma das mais fortes origens dos soffrimentos que eivam de contrariedades e flagelos a vida das familias.

Deixá los lá com a léria de que um povo enfraquecido, depauperado, com a barriga a marcar horas, é o melhor terreno para a cultura da tuberculose. Deixá-los dizer que uma população enfermiça, falha de forças, desprovida por isso mesmo da energia necessaria para o seu desenvolvimento fisico e intellectual, é uma população que se arrasta, que vegeta, se quizerem, mas que não vive...

Os economistas, justificando o facto de ser a vida em todas as grandes capitaes mais cara do que nas terras de ordem inferior, allegam a maior somma de comodidades que, em relação ás que são proporcionadas ao provinciano, disfruta o povo que vive na capital, considerada o coração do paiz, e onde se refletem todos os seus progressos, todas as suas conquistas materiaes e intellectuaes. E' como se dissêssemos o preço por que se paga a civilisação. O que, porém, é indispensavel — acrescentam os mesmos economistas — é que o augmento nas exigencias da vida seja contrabalançado por um correspondente acrescimo na compensação do emprego da nossa actividade.

Mas os economistas não falam para o alfacinha, ou, se porventura julgam falar, o que possam dizer-lhe entra-lhe por um ouvido e sae-lhe p'lo outro.

Nos seus achaques e nas suas desditas, o alfacinha de hoje já não espera que do céo lhe venha o remedio. A vida é o que é, as coisas são o que são.

Emquanto tem saude e póde trabalhar, elle gasta quanto ganha e gosa quanto pode. Desambicioso e commodista, a unica forma por que ainda tenta fortuna é jogando na loteria. O cauteleiro de Lisboa é a sombra do alfacinha. Conhece-lhe a balda, e não o larga. Para onde vae um; vae o outro.

— «E' o trez, trezentos e um! que depois d'amanhã anda a roda.»

— «E' a ultima de seis... Quem me acaba o resto!»

Põe-se-lhe ao lado, acerta o passo com elle, mette-lhe á cara as cautelas, os decimos, os vigessimos e os meios bilhetes. Segreda lhe tentações, vaticina-lhe mil venturas, acena lhe com todas as probabilidades do ganho, garante-lhe que tem ali a sorte, a grande, a maior de todas, a taluda! E que se elle não compra, arrepende-se... E que se aquillo hade ir parar á mão de outro, o melhor será deitar-lhe já a mão...

O alfacinha hesita, disfarça, volta a cara, finge-se maçado, manda o cauteleiro ao diabo; mas quando o cauteleiro, que já o conhece, lhe faz crer que o deixa, o alfacinha pára, apalpa as algibeiras, resolve-se, chama o, e compra lhe o resto das cautelas!

No dia seguinte anda a roda. Um ou outro cambista, que vendera o numero mais premiado, espalha areia encarnada á porta. Apparece depois a lista geral, e o alfacinha procura nella os numeros que traz no bolso. Tudo branco! Não ha nada mais certo, como dizia o Garrido: a sorte grande é uma coisa que sae sempre aos outros!

Imprevidente por indole, o alfacinha fia-se sempre nestes dois grandes e ultimos recursos: a agiotagem e a beneficencia.

Emquanto ha que empenhar, empenha-se. Nem para outra coisa servem os pregos, de que Lisboa está cheia. Começa se por lá ir pôr as joias, que é o que faz menos falta; depois das joias, o piano, que menos falta faz ainda ao visinho do andar de baixo; depois do piano, a mobilia da salà, dando-se ordem á creada para dizer ás visitas que os senhores foram para fóra; depois da mobilia da sala, a mobilia da casa de jantar, e o guarda-fato com porta de espelho, e a cama á franceza, e os quadros, e as loiças, e os vestidos de seda, e o fato de verão se estamos no inverno, ou o fato de inverno, se já chegou o verão... Por fim, vae tudo. E depois de ter ido tudo, vae ainda — o resto.

Quando já não ha que empenhar, recorre-se á letra, ao adeantamento sobre o ordenado, ao encosto que na giria patusca do lisboeta significa o pedir a algum amigo dois mil e quinhentos emprestados, com a *firme* tenção de nunca mais lh'os pagar.

Nestas alturas, as Cosinhas Economicas começam a prestar ao alfacinha o grande serviço social de lhe amparar e conservar as forças para a manutenção da especie. E a especie, agradecida, reproduz-se: mas já então em circumstancias tão difficeis, que o alfacinha, renunciando ás alegrias da paternidade, delibera entregar a prole aos cuidados maternaes da Santa Casa da Misericordia, indo metter os filhos na roda. A's vezes, para nem se dar ao trabalho de lá ir levá-los, limita-se a pô-los da parte de fóra da porta; e é o Albergue das Creanças Abandonadas que toma conta d'elles.

O Estado, o Municipio, a Maçonaria, as Ordens Religiosas, as Associações de Beneficencia, todos quantos pódem, pelo coração e pelo bolso, valer ao infortunio, se acercam do alfacinha, generosos e apiedados. Se a doença o acommette abrem-lhe as portas dos Hospitaes, chamam-no ás consultas dos Dispensarios, proporcionam-lhe os soccorros da Assistencia. Se elle não tem casa, nem pousada, abriga-o o Albergue Nocturno. Se a força lhe escasseia no manejar da ferramenta, ampara-o o Albergue dos Invalidos do Trabalho.

No dia em que tudo acaba para o alfacinha, e vem o medico passar-lhe a certidão de obito, se os seus herdeiros se não julgam habilitados a fazer-lhe o enterro, em coche doirado, puxado a quatro cavallos, com acompanhamento de gatos-pingados a trote, corôas de violetas e goivos e participação nos jornaes (não se fazendo convites especiaes pelo estado de consternação em que todos se acham) é ainda a Santa Casa da Misericordia que o transporta na sua tumba ao cemiterio dos Prazeres, se elle morreu na parte occidental da cidade, ao cemiterio do Alto de S. João, se foi na parte oriental que elle morreu, ao cemiterio da Ajuda, se elle foi morrer em Belem.

E é de ver então a serenidade, a attitude resignada, quasi diriamos a filosofia contente com que o alfacinha vivo acompanha á ultima morada o alfacinha morto, pegando lhe ás borlas do caixão, fazendo-lhe um discurso á beira da sepultura, ou espalhando lhe sobre o cadaver a primeira mão cheia de terra; e depois o implacavel *Requiescat in pace!* na debandada dos amigos do finado, o animo leve dos que ainda cá ficam, retomando o caminho da vida, retrocedendo ainda uma vez pelos atalhos d'aquelles jardins ladeados de mausoleus e inscripções piedosas, onde a flôr da saudade é a que mais viceja, e a rama dos ciprestes a unica que dá sombra...

E' que o alfacinha crê que será sempre leve a terra da sua patria ao coração dos que verdadeiramente a amaram.

João Prudencio.

O retrato de El-Rei D. Manoel II

Columbano, cuja inconfundivel individualidade da sua palêta conquistou os foros de genial artista no seu país e além fronteiras, nos centros mais opulentos da Arte, concedeu-nos ás primicias da reproducção do seu bélo quadro, retrato de El-Rei D. Manoel, para o publicarmos neste numero do Occidente, em que se celebra a aclamação do novo monarca.

Melhor não podiamos escolher pela obra de arte e pela originalidade, visto ser o primeiro retrato de El-Rei com o manto real, como se apresentou no acto da aclamação.

Este retrato foi encomendado a Columbano pela comissão portuguêsa da Exposição do Rio de Janeiro, para ser colocado na grande sala onde são expostos os produtos da arte e da industria de Portugal, e será, sem duvida, uma das obras mais valiosas a admirar naquelle brilhante certamen.

A ACLAMAÇÃO DE EL-REI D. MANOEL II

No espaço de pouco mais de meio seculo, que se conta do anno de 1855 até ao presente, assistimos a quatro aclamações de reis, acto que se pratica desde o Mestre de Aviz, D. João, primeiro rei que foi aclamado pelo povo. Essas aclamações foram: a de D. Pedro V, em 16 de setembro de 1855; D. Luis I, em 22 de de dezembro de 1861; D. Carlos I, em 28 de dezembro de 1889; e agora D. Manoel II, em 6 de maio de 1908.

Da primeira lembra-nos bem, apesar dos poucos annos que então contavamos, tal foi a impressão que nos fez o extraordinario brilho daquella festa, que da memoria não se apagou.

Não havia caminhos de ferro em Portugal, e os meios de condução eram dificeis por maus vehiculos e peiores estradas; não obstante Lisboa encheu-se de forasteiros das provincias para assistirem ás festas da aclamação de D. Pedro V, que duraram tres dias. Enfeitaram-se as ruas por onde o cortejo real passou; no Terreiro do Paço armou-se um grande e luxuoso pavilhão, onde se realisou a cerimonia da entrega das chaves da cidade pelos membros da camara municipal. As tropas formaram alas nas ruas á passagem do rei e em volta da grande praça, que estava toda guarnecida de bandeiras e trofeus ao longo das plantibandas dos edificios que a cercam; dos peitoris de cada janéla debruçavam-se escudos pintados das armas das provincias, cidades e vílas de Portugal, e os humbraes revestidos de sanefas de veludo e de damasco agaloadas e frajadas de ouro, davam tom de opulencia que bem casava com a riqueza das equipagens e o luxo dos dignitarios da côrte que assistiam á aclamação, sem falarmos da burguezia que se impunha, nem dos trajes domingueiros do povo, que todos lá iam com o melhor que tinham de antigas usanças bem conservadas.

Acompanhava este aparato a alegria do povo, não se cansando de aclamar o joven rei, que completara os seus dezoito annos e era uma esperança da nação que tanto veio a amal-o.

Por toda a cidade, por todo o reino se comunicou o mesmo entusiasmo. Tres dias de festa, com luminarias: o da aclamação, o da parada das tropas, o dos fogos de artefício no Tejo, uma novidade então, de que sahiu triunfante José Hosti, um italiano que fez fortuna a fabricar fosforos de cera por elle introduzidos no país, e que em fogos de artefício provou sua aptidão de pirotecnico, com o deslumbramento das peças que arderam nuns tres ou quatro pontões velhos, no meio do formoso rio, figurando lindas cidadelas que sucessivamente se transformavam e por fim se destruiam em ruidoso bombardeamento. Nunca se vira coisa assim em Lisboa.

De toda a grande festa me lembro como se a estivera vendo de cima do telhado da repartição do Comando em Chefe — numa das dependencias hoje do Ministerio da Justiça e onde se armaram palanques para pessoas gosarem os festejos.

Tanto maior foi o entusiasmo desta aclamação quão raras eram as festas publicas no país, que acabara, não havia muito, das guerras e revoluções que, desde os principios do seculo, o vinham mortificando até 1851, em que conseguiu entrar num periodo de paz.

Assim foi a primeira aclamação a que assistimos e que apenas esboçamos nas suas linhas geraes.

A segunda, de D. Luis I, já se não poude comparar á de D. Pedro V. Os festejos oficiaes foram pouco mais ou menos os mesmos que os da anterior aclamação, mas o regosijo publico diferiu muito e razões havia para isso, sendo a de maior peso o grande sentimento do povo pela morte do seu rei amado D. Pedro V, falecido havia pouco mais de um mez — a 11 de novembro de 1861 — o que lhe trazia tão triste a alma como encoberto o coração, da perda de uma esperança em que tanto confiara.

A aclamação de El-Rei D. Carlos I mais esmorecida foi ainda, comquanto se observasse, em parte, o mesmo ceremonial das festas oficiaes anteriores, substituindo-se o pavilhão do Terreiro do Paço pela ida de El-Rei á camara municipal. Os tempos eram já outros e, aparte o sentimento publico pela morte de D. Luis I estar ainda de fresco, medeando pouco mais de dois meses entre aquella e a coroação do novo rei, para que o povo se espandisse em grandes regosijos, não influiu menos em seu espirito o desgosto que já o ia dominando pela marcha dos negocios publicos sacrificadados ás ambições dos politicos.

Assim a espectativa substituio o entusiasmo do povo de Lisboa.

Em Elvas é que o Senhor D. Carlos fôra verdadeiramente aclamado em fevereiro daquelle anno, na grande festa agricola que os elvenses lhe dedicaram, e á qual tivemos a honra de assistir.

Estamos seguros que na boa memoria do, então, Principe Real nunca se apagaria a lembrança daquella festa, em que foi aclamado com sincero e espontaneo entusiasmo por enorme multidão, pois que o alemtejo se despovoou para ali o ir saudar, apresentando lhe toda a riquesa da sua lavoura, nas alfaias, nos gados, nos produtos da sua agricultura e na bizarria do acolhimento que fez ao futuro rei de Portugal.

Poucos dias haviam passado depois da aclamação de El-Rei D. Carlos, quando encontrámos, descendo o Chiado, o nosso presado amigo sr. Costa Pinto, que fôra um dos influentes da festa de Elvas.

Estacámos um em frente do outro, parece que dominados do mesmo pensamento.

— Em Elvas é que El-Rei foi aclamado, dissémos.

E Costa Pinto confirmou, como se ainda estivesse levantando vivas ao Principe D. Carlos (1).

*
* *

As praxes oficiaes foram em parte modificadas para a aclamação de El-Rei D. Manoel II, pois se limitaram á ratificação do juramento perante as côrtes, seguido da tradicional formula, do alferes-mór impunhando a bandeira vir á janella bradar ao povo: *Real, real, real, pelo muito Alto, muito Poderoso e Fidelissimo Rei de Portugal D. Manoel II;* dispensando-se a formalidade do Rei ir aos Paços do Concelho receber as chaves da cidade, como é de uso nesta ceremonia.

Em compensação, porém, o povo aclamou o seu novo Rei com sincero e expontaneo entusiasmo, que principiou pela carinhosa manifestação que lhe fez em todo o caminho até ao palacio das Côrtes, onde essas manifestações redobraram de intencidade, com vivas a El-Rei e á familia real.

E' sob esta agradavel impressão que o Senhor D. Manoel entra com seu cortejo na sala do parlamento, onde os dignos pares do reino e deputados da nação o aguardam, vendo-se as tribunas e galerias cheias por numerosa assistencia, em que as senhoras dão a impressão alegre de sua formosura e vistosos trajes de côres claras e variegadas, realçando á luz que a jorros entra na sala pela grande claraboia.

El-Rei, fardado de generalissimo, com a banda das tres ordens e sob o manto de veludo bordado a ouro com cabeção de arminhos, aproxima-se do trôno, emquanto o reposteiro-mór, sr. marquês de Castélo Melhor, descobre a cadeira real. De pé, Sua Alteza o Infante D. Affonso, empunhando o estoque do Condestavel Nuno Alvares Pereira, ocupa logar á direita do trôno; á esquerda está o alferes-mór, sr. conde de S. Lourenço, com o estandarte real; fazendo de meirinho-mór o sr. marquês de Penafiel.

Sua Magestade recebe o sceptro que o sr. visconde de Asseca, gentil-homem, lhe apresenta, e dois pagens aproximam-se com os Evangelhos no rico missal de Estevam Gonçalves, em que El-Rei, pondo a mão direita, profere a formula do juramento escripta em uma linda iluminura feita expressamente pelo notavel aguarelista sr. Roque Gameiro:

Juro manter a religião catholica apostolica romana, a integridade do Reino, observar e fazer observar a constituição politica da nação portugueza e mais leis do Reino, e prover ao bem geral da Nação, quanto em mim couber.

O aspéto da sala neste momento é solemne e deslumbra a riquesa das fardas bordadas de ouro como os esmaltes dos crachás cravados de pedras preciosas. Chama tambem a atenção a grande corôa real, que serve para esta solemnidade, descançada sobre uma grande almofada de seda carmesim com bordados a ouro de uma riquesa oriental, e que se vê sobre uma mesa coberta de veludo vermelho, guardada por seis graciosos pagens da flôr da nobresa, os meninos Bernardo Pinheiro de Mello (Arnoso), D. Domingos de Sousa Holstein (Faial), Manoel de Mello (Cartaxo), Manoel Silveira de Vasconcellos e Sousa (Castélo Melhor), D. Manoel Telles da Silva (Tarouca) e D. José de Mello e Castro (Galveias).

Termina o juramento e Sua Magestade lê a olocução que o sr. presidente do conselho entrega a El-Rei, concebida nos seguintes termos:

Chamado ao Throno pelos acontecimentos dolorosos que hoje, como no primeiro dia, opprimem da mais profunda amargura o Meu coração de Filho amantissimo e Irmão extremoso, e compenetrado dos eminentes deveres que a constituição da Monarchia me incumbe, vim reiterar hoje, perante a representação nacional, o solemne juramento que espontaneamente prestára na Minha proclamação de 1 de fevereiro ultimo.

Muito Me apraz confirmar no meio dos representantes da Nação a Minha firme vontade de, em tôdos os seus termos, guardar e cumprir integra e fielmente essê juramento, que traduz com inteira sinceridade os Meus sentimentos e aspirações de Rei devotadamente constitucional.

Educado no respeito e admiração dos heroicos feitos e sublimes virtudes que resplandecem tantas e tão brilhantes paginas da nossa historia, e no culto fervoroso da paz e da independencia nacionaes, empenharei toda a Minha solicitude em concorrer, quanto em Mim caiba, para as prosperidades da Patria, pondo na escrupulosa observancia das leis do reino a norma constante do Meu reinado, nas venturas Nacionaes a Minha mais ardente ambição, no amor do povo a unica recompensa, que desejo e espero alcançar.

Para o conseguir invoco, reverente, o auxilio do Todo Poderoso e confio na intelligencia, afecto e lealdade do povo portuguez, muito esperando da vossa patriotica e illustrada coadjuvação, bem certo de que só a intima alliança entre o Rei e os representantes da Nação é firme esteio da independencia do reino, da liberdade, da paz e dos progressos publicos.

Acabada a leitura, o alferes-mór desenrola o estandarte real, emquanto o sr. conselheiro Antonio de Asevedo, presidente da camara dos dignos pares, lê a resposta á alocução de El-Rei, ao fim da qual, profere a formula oficial da aclamação:

Ao muito Alto e muito Poderoso e Fidelissimo Rei de Portugal o Senhor D. Manuel II.

Esta formula veiu então ser repetida da janela das Côrtes, pelo alferes-mór. sr. conde de S. Lourenço, ao povo que enche o largo, e que logo rompe em calorosos vivas a El-Rei D. Manoel, vivas que mais intensidade tomam dentro e fóra da sala, quando o Rei vem sahindo e entra no coche de gala.

O povo, em grande massa, acompanha o cortejo real até ao paço das Necessidades, dando vivas e palmas num delirante entusiasmo. Por todo o caminho, as senhoras, das janélas, secundam as manifestações de simpatia e carinho assenando ao joven Rei com lenços e lançando sobre elle uma chuva de flôres.

A policia é impotente para conter a onda de povo que se aproxima do coche real, porque todos querem ver o novo Rei e saudal-o com suas calorosas aclamações.

Parece que um grande peso se tem tirado das consciencias, e que uma espanção de alivio se sente naquellas espontaneas manifestações que, sempre no mesmo grau de calor, chegam até ao paço real, onde a multidão se apinhoou no largo soltando incessantes vivas ao Rei, á Rainha, ao Infante e a toda a familia real.

A Rainha Senhora D. Amelia chega á varanda do terraço a agradecer ao povo, e não tarda que El-Rei tambem ali apareça. Então abraçando sua Augusta mãe a cena torna-se enternecedoura, e lagrimas se vêem desprender de muitos olhos dos que freneticamente dão vivas e palmas ao novo Rei e á Rainha.

Repetidas vezes Suas Magestades agradecem e se retiram da varanda, mas a ella tem de voltar porque as aclamações do povo não cessam, até que este por fim retira.

Entretanto, ás 11 horas da noite, depois do jantar intimo do paço, ainda ali voltaram mais manifestantes a dar vivas e palmas, que Suas Magestades vieram á janela agradecer com palavras de reconhecimento.

Esboçámos a ligeiros traços o que foram as aclamações a que temos assistido em nossa vida, mas nenhuma foi mais calorosa do que esta por parte do povo, que bem assinalou o dia 6 de abril, como o de maior alegria nestes ultimos tempos.

O entusiasmo que se expandiu em Lisboa, communicou-se por todo o país fóra, onde a aclamação de El-Rei D. Manuel II tem sido celebrada com regosijo por todas as terras do reino.

Tantas e tão grandes provas de simpatia pelo novo monarca devem ter atenuado bastas horas de amargura decorridas nos paços reaes.

Que este reinado seja o alvorecer de uma nova era de paz e de prosperidades para a nossa querida patria.

C. A.

(1) Num livro que temos no prelo, nos referimos largamente a este acontecimento.

Uma exposição de pintura de D. Emilia Santos Braga

Esta exposição atraío, nestes ultimos dez dias, uma verdadeira romaria da melhor sociedade lisbonense ao *atelier* da sr.ª D. Emilia dos Santos Braga, num dos novos bairros de Lisboa, arejado e cheio de luz, em uma casinha logo á entrada da rua Pinheiro Chagas, como um ninho de arte, entre um roseiral que trepa pelas paredes e engrinalda as janélas, não mais florido do que lá dentro, onde as frescas rosas vivem tambem em formosos quadros, com encantador colorido, enlevo dos olhos, e parecendo recender suave perfume, pela flagrante verdade com que a palêta da artista ali as fez desabrochar.

E como não seria assim se mãos femininas as colheram do jardim e, com amoravel sentimento lhe devassaram os segredos de sua fragrancia, para as reproduzir no quadro substituindo pela arte a propria natureza creadora.

E' o coração feminimo o que melhor sente e compreende as belesas da creação, e por isso melhor sabe traduzir pela arte as impressões da sua alma contemplativa.

O mesmo sentimento que vive nos quadros de flôres da sr.ª D. Virginia dos Santos Avellar, revela se no quadro *A Suplica*, da mesma autora, no piedoso mistissismo, que só no coração da mulher a crença depositou como em cofre de preciosas joias.

Principiámos nossa apreciação pelos quadros de flôres que nos surpreenderam á entrada, revelando uma artista primorosa e que mostra seus varios recursos de pintura tanto no quadro a que nos referimos como na telasinha *O pequeno do capuz*, já nossa conhecida de uma das exposições da Sociedade de Belas Artes, e que nos faz lembrar um Velasquez.

Mas agora atentamos na profusa exposição da sr.ª D. Emilia dos Santos Braga, que apresenta 27 quadros a oleo além de desenhos a *pastel* e a *fusain*.

E' em tão copiosa coleção que se destaca pelas dimensões a famosa tela *Ociosidade*, um nu de tamanho natural, seguramente a obra mais importante da exposição, com aquella em que a autora afirma suas grandes qualidades de desenho e de pintura, tão corréto o primeiro como natural a segunda.

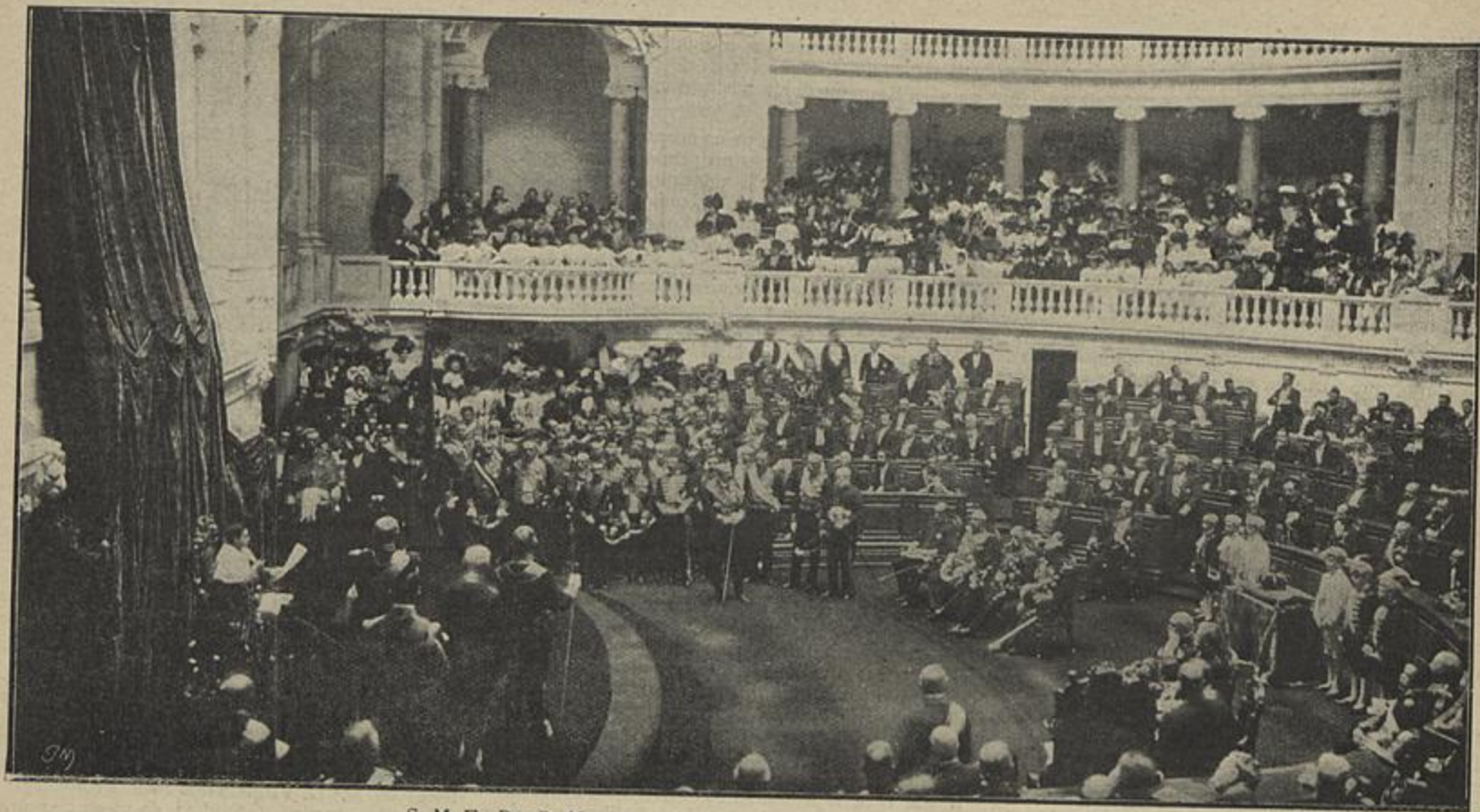
A formosa plastica do seu modelo está magistralmente reprodusida, quer na fórma, quer na côr da péle rosada e fresca que o pincel interpretou com toda a magia dos segredos da palêta.

Um outro nu *O descanço do modelo*, que já figurou em exposição de Bélas Artes, onde o vimos, é, talves, menos ambicioso, mas uma promessa bem fundada que o quadro *Ociosidade*, realisa agora com desusada opulencia em nosso meio artistico. O seu quadro a *Cigarra*, ao contrario da *Cigarra* de Casado del Alisal, que elle figura numa rapariga em traje paradisiaco, tão provocante como realista, D. Emilia Santos foi buscar á poesia da Fabula o fauno que em sua frauta pastoril vae cantando todo o estio; mas o sentimento femininoo logo se revela no quadro *Anciedade*, que nos faz sentir a dôr intensa da mãe debruçada sobre a cabecinha loura de seu filho, que ampara entre as mãos, e contemplando o angustiada, parece querer insuflar-lhe de seus labios a vida que se aparta do tenro infante.

A composição destaca-se sobre um fundo escuro que bem se casa ao asunto, e tratado com larguesa e brio, tem toda a caracteristica da pintura moderna, que se observa nos quadros da distintissima artista.

Varias cabeças de estudo e retratos poderiamos ainda apreciar se o tempo e o espaço de que dispômos nol-o premitissem; não deixaremos comtudo de nos referir ás pinturas decorativas, destacando o estudo *Senhora dos Anjos*, destinado ao têto da nova egreja desta evocação.

Depois da *Virgem* de Murillo dificil é perder as remenicias daquella obra prima, que se tornou classica. Pintores e esculptores nella se tem inspirado e não ha fugir-lhe sempre que se queira produzir alguma coisa de bélo. Entretanto D. Emilia Santos sahiu-se discretamente da difi-

A Aclamação de El-Rei D. Manuel II

S. M. El-Rei D. Manuel lendo a alocução na sala do Parlamento

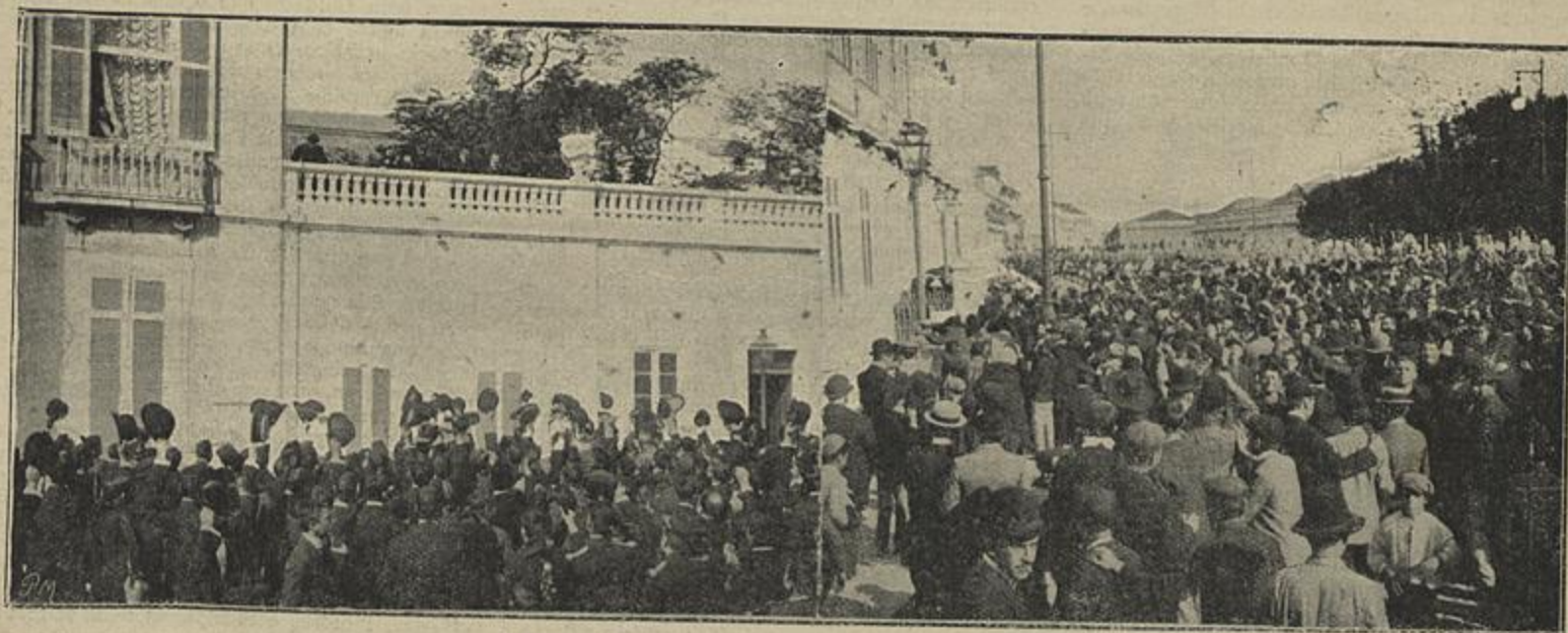
(Cliché Benoliel)

culdade. Sob a roupagem leve da sua Vir gem presente-se a for-ma humana levemente esboçada na figura vaporosa que se eleva entre gracis anjos alados, imergindo das nuvens.

Quadros de flores e frutos, da sr.ª D. Laura Santos se distinguem nesta exposição fazendo um dos seus atrativos, além dos trabalhos apreciaveis das discipulas da sr.ª D. Emilia Santos: D. Alda Santos Silva, D. Eulalia Santos, D. Etelvina dos Santos Silva, D. Isabel Ortigão Ramos, D. Isaura Ferreira,

D. Filomena Freitas, D. Rita Santos Silva e D. Sara Bramão.

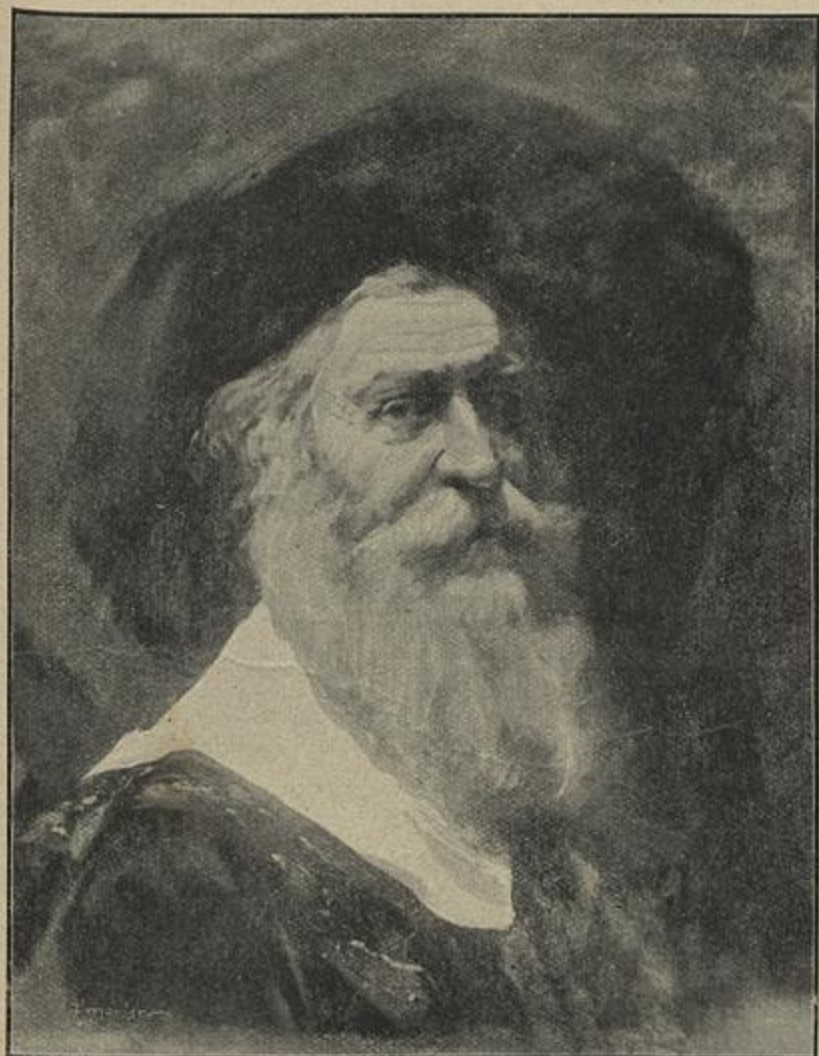
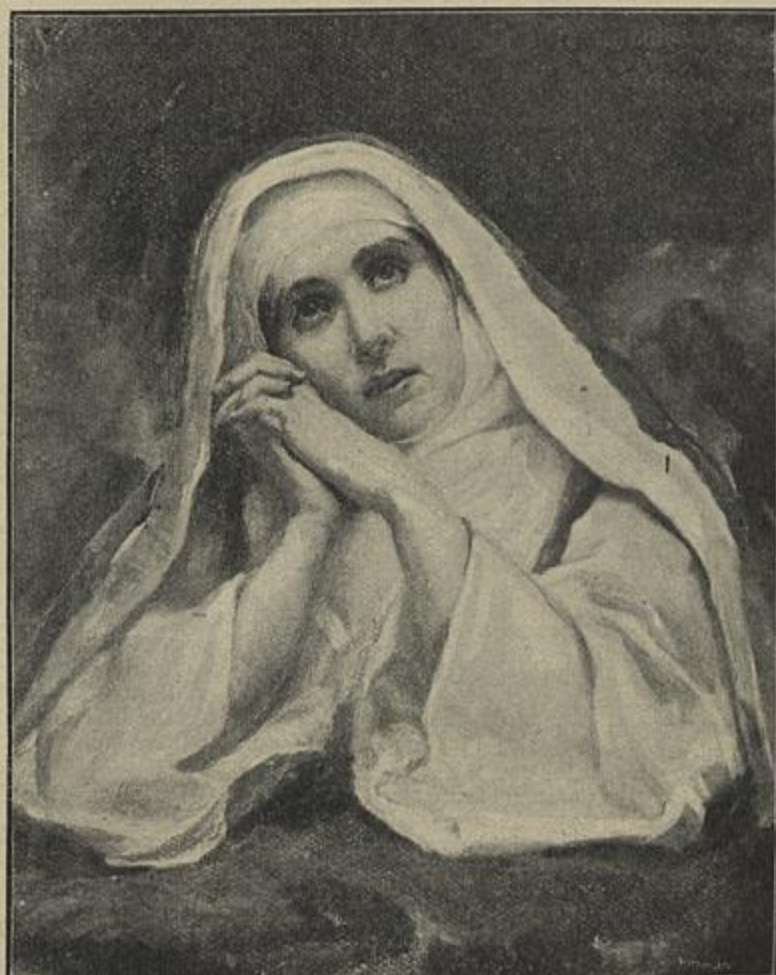
Retirámo-nos do *atelier* sob a mais agradavel impressão, pensando quanto progresso se tem feito neste Portugal, que parecia esquecido para as cousas de arte, que não obstante vão revivendo pelo talento de tantos artistas, em que vêmos contribuir com vantagem talentos femeninos como o da sr.ª D. Emilia dos Santos Braga, discipula, que foi do festejado artista Malhôa, honrando o mestre e honrando-se a si.

C. A

O Povo aclamando El-Rei á sahida do Parlamento
As manifestações em frente do Paço das Necessidades, Suas Magestades El-Rei e Rainha agradecem da varanda do terraço

(Clichés A. Lima e Benoliel)

Uma Exposição de Pintura

D. Emilia dos Santos Braga

Pintura decorativa para o této da Nova Egreja de Nossa Senhora dos Anjos

Um Velho Fidalgo

(*Clichés Benoliel*)

A Suplica

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XIV

(Continuado do n.º 1057)

7.) *Diogo Soares da Veiga do Avelar Taveira*, o primogenito, foi riquissimo herdeiro de toda a casa de seu pae a quem tambem sucedeu no oficio de Provedor da Alfandega de Lisboa. Foi tambem familiar do Santo Oficio (1). Duas vezes casou; a primeira, foi em 1678, com D. Antonia de Noronha, dama da rainha D. Maria Francisca e filha de D. Pedro Coutinho, senhor de Almourol e de D. Mecia de Noronha; a segunda mulher foi D. Maria de Menezes, filha do senhor da ilha de Maio, e já viuva do tenente-general Diogo Gomes de Figueiredo.

Do primeiro casamento teve um filho, do segundo não houve geração e fóra do lar teve um filho natural, João Alvares Soares que foi inquisidor e conego da Sé de Lisboa.

* * *

8.) *João Pedro Soares de Noronha Coutinho de Avelar Taveira* foi o unico rebento de tão ilustre tronco, sucessor dos bens e oficios de seu pae, familiar do Santo Oficio, sujeito estomagado e de braveza notória. Três vezes casou (estes Soares eram bastante propensos ao matrimonio) e as três mulheres, a acreditar o que diz o linhagista Rangel de Macedo, deviam ter ido direitinhas para o ceu (2).

A primeira foi D. Maria de Lencastre filha de Luiz Cesar de Menezes. Foi esta ainda assim a mais feliz, pois estando sentada á mêsa no jantar do dia do casamento *lhe deram umas bexigas de que morreu, sem consumar o matrimonio, pelo que foi a enterrar com cera branca.* Mal aliviado o luto começou logo João Pedro Soares a contratar novo casamento. E com quem? Nada menos que com uma cunhada. Depois de tudo a postos mudou repentinamente de ideias e sem dar mais caváco casou-se com D. Joana de Portugal, filha de D. Lourenço de Almada, mestre de sala de el-rei D. Pedro 2.º. Foi o casamento em Feverreiro de 1702.

Durante onze annos sofreu D. Joana os maos tratos do marido, bravo de genio a mais não ser e veio a falecer victima delles em 18 de março de 1713. A primeira morreu virgem; esta pereceu martir.

João Pedro Soares, achou-se ainda com alma para tentar terceiras nupcias. Pouco depois consorciava-se efectivamente com D. Anna Joaquina de Portugal, dama da rainha D. Mariana de Austria e filha de Bernardo de Vasconcellos e Sousa.

Foi só deste ultimo casamento que houve dois filhos; um rapaz, que morreu menino e uma menina que recebeu na pia baptismal os nomes de Maria Antonia.

João Pedro Soares morreu de um *stupor* em 6 de outubro de 1732.

* * *

D. Maria Antonia Soares de Noronha Coutinho de Avelar Taveira, filha unica e herdeira de João Pedro Soares, foi baptisada em 17 de julho de 1720 pelo seu tio João Alvares Soares, conego da Sé e veio a casar, em 5 de setembro de 1760 (?), com D. Rodrigo Antonio de Noronha, veador da Rainha D. Mariana de Austria, ajudante do mestre sala Marquês de Marialva (seu pae) e que depois foi governador e capitão general do reino do Algarve (3).

Assim voltou novamente á posse de extranhos o morgado dos Soares e desta vez para não mais tornar a sair della.

De entre varios filhos nascidos deste casamento, foi o mais velho *D. Fernando Antonio Soares de Noronha*, que herdou os morgados de sua mãe mas, como falecesse, em 1798, sendo governador do Maranhão, sem deixar descendencia, passou o vinculo para uma sua irmã *D. Joaquina de Noronha*.

Esta D. Joaquina veio a casar com D. João Domingos de Mello, dos Mellos de Murça, e delle teve *D. Rodrigo Antonio de Mello*, irmão do primeiro Conde de Murça. Este D. Rodrigo habitou ainda no solar da Cotovia, como se conclue das *Recordações* de Ratton e casou com D. Maria José de Saldanha e Castro, filha do morgado de Ribafria, dos quaes nasceu o general de divisão *D. Antonio José de Mello e Saldanha* falecido ha poucos annos (1).

(Continúa.) G. de Matos Sequeira.

(1) Já citado Nobiliario Manuscrito da B. Nacional.

(2) Era filho terceiro de D. Diogo de Noronha terceiro marquês de Marialva pelo seu casamento com D. Joaquina Maria Madalena da Conceição e Menezes quinta condessa de Catanhede e terceira marquesa de Marialva.

(3) *Lisboa Antiga* de Julio de Castilho — Vol. 5.º Pag. 60

(1) Chancelaria de D. José I. L. 74. Pag. 322 — Torre do Tombo — Provisão passada em 23-7-1765.

Amor por suggestão

Traducção do original inglez

DE

OUIDA

I

— Ai! o meu collar! — exclamou uma formosa mulher, debruçando se da borda da sua gondola.

Tinha se-lhe soltado da garganta um collar de opalas, presas e engastadas em ouro, e sumira-se na agua da laguna, a meio caminho do Lido para a cidade de Veneza. A gondola, porém, corria veloz sob o impulso de um remador á prôa e de outro á pôpa, e, comquanto elles parassem alguns momentos, ao ouvirem a exclamação da dama, o sitio em que o collar se perdera já era passado e ficava para traz.

Muito se affligiu ella com isso.

Possuia bastantes joias, mas o collar de opalas recebera o por herança, e era de fino e delicado lavôr. Os gondoleiros fizeram quanto era possivel para o encontrar, mas em vão.

Estavam sobre a agua mais profunda das lagunas, assignalada pelas fileiras de postes, e o collar, por ser leve, fôra levado pela corrente que vinha do mar largo.

Era uma tarde esmaecida do fim do verão. Fazia ainda muito calor; os céos e as aguas tinham a mesma côr suave, extranha e argentea; diaphanos e ethereos egualmente os apartados horisontes das collinas, ao oriente e ao occidente. A unica côr visivel era a das vélas pintadas de alguns barcos carregados de fructa para venda que passavam para sotavento.

Nenhum dos homens sabia nadar, como succede a muitos venezianos; mas vogaram para terra, metteram-se na agua até á cintura, e com os remos bateram e sondaram o fundo arenoso, emquanto ella os animava com louvores e extravagantes promessas de recompensa. Todavia, os esforços empregados não surtiram effeito nenhum. A laguna, que tem sido sepultura de tantas pessoas, reteve as opalas submersas.

— Voltemos e mandarei mergulhadores — disse ella para os seus homens, que, molhados até á cintura, ficaram muito contentes de aproar á cidade.

Traziam vestes brancas e cintas vermelhas e fitas da mesma côr nos chapéos de palha; estavam a serviço particular de ella; corriam com velocidade para casa sobre a tranquilla via maritima, e por entre as embarcações apinhadas de gente junto da *Riva dei Schiavone*, para lá da alfandega e de S. Giorgio e do Salvatore, até que chegaram a um palacio do Canal Grande, residencia de sua ama, com postes pintados de encarnado e branco, e corôas nos topes, que servem para marcar as escadas de desembarque á moda antiga de Veneza.

— Perdi as minhas opalas na agua! — exclamou ella para alguem que estava n'um dos balcões do primeiro andar.

— Bom foi isso! — respondeu aquelle. — São pedras de infortunio.

— Que tolice! Eram lindas e pertenceram a Ninetta Zaranegra, tresavó do pobre Carlos; foram um dos seus presentes de nupcias ha cento e vinte annos. Lá está nas Bellas Artes o retrato d'ella. Era formosissima e teve um destino tragico. Vou mandar os mergulhadores para buscarem bem. A agua é tão baixa. Não posso saber como foi que o collar me desappareceu n'um instante.

Subiu os degraus do seu palacio, despediu os gondoleiros com um gesto, quando parou no vestibulo para contar ao seu mordomo a perda que tivera, e consultal-o sobre a melhor maneira de rehaver o collar. O vestibulo era pintado a fresco, com bellas janellas mouriscas, tecto ornamentado e dourado, e uma grande escadaria de marmore branco, sem tapete. Em frente da entrada uma grande porta de vidros pela qual se enxergava o verde brilhante das acacias, crartægus e loureiros do jardim.

Pela manhã, quando constou em Veneza que a rica e generosa condessa Zaranegra perdera a sua joia, todos os melhores mergulhadores correram logo ao sitio em que se tinham afundado as opalas, e trabalharam com afinco desde o romper d'alva para as encontrar, reunindo-se n'essa busca pescadores, marinheiros e barqueiros, na esperança de merecer a recompensa que ella promettera. Nenhum de elles, porém, o conseguiu. Foram baldados os seus esforços. A agua pertinaz não queria largar a presa. As opalas tinham desapparecido.

(Continúa.) Alberto Telles.

VIDA INTELECTUAL

Assim se intitula uma revista ilustrada, madrilêna, de que neste momento tenho diante de mim os n.os 6 e 7.

E' mensal a revista e acha-se no seu primeiro ano de publicação.

Cada um dos numeros abrange umas cem pajinas, ao preço de 30 centimos, o que é deveras demonstrativo de nobres desejos por parte dos seus proprietarios, de utilisar á causa da instrução e educação nacional.

Vou copiar os sumarios dos exemplares a que faço alusão para assim habilitar os leitores a ajuizar do merecimento da revista e dos intuitos dos seus dirijentes:

Pedagogia applicada a los Anormales, E. Cuello Calón; *La infancia psiquicamente anormal*, G. González Revilla; *Tribunales especiales para niños. Vida escolar*, J. Hazañas; *La vida escolar en la Universidad de Sevilla en los siglos XVI, XVII e XVIII* — *Estudios Literarios*, Magdalena S. Fuentes; *La mujer en el teatro de Rojas*, N. Diaz de Escobar; *Avicébron*. — *Literatura Popular*, G. M. Vergara; *Refranes geográficos*. — *Cultura Catalana*, B. Santos Vall; *L'Orfeó Catalá*. — *Livros Nuevos*, Notas criticas de J. Sánchez Rojas e de S. Franz; *Datos é idéas*. — *Bibliografia*.

Pedagogia, Theodosio Leal e Quiroga; *Principales escuelas pedagógicas de los tiempos presentes (9 ilustraciones)*, Manuel Torres Campos; *Instituciones escolares*. — *Una institutriz*. — *La Associacion para la enseñanza de la mujer (3 ilustraciones*. — *Filosofia*, J. Land; *Autobiografia* de Herbert Spencer *(continuacion)*. — *Literatura*, Amado Nervo; *La Vieja*, Magdalena S. Fuentes; *Emilio Ferrari e su obra (un retrato)*. — *Bellas Artes*. — *La Escultura española*. — *Libros Nuevos*. — *Datos é ideas*. — *Bibliografia*.

Como se vê pelos titulos dos artigos e estudos insértos, a revista propõe-se a interessar a todas as classes e a todas as idades, ministrando-lhes leitura agradavel e lição proveitosa, num estilo á altura de todas as intellijencias.

As estampas que ornam o texto são de nitida elucidação e contribuem a acentuar cabalmente no espirito do leitor o pensamento dos auctores e o genuino significado dos factos que elles pretenderam pôr em evidencia nas suas exposições doutrinarias e didaticas.

Transcrevendo na integra discursos e conferencias de homens doutos no ensino e cheios de experiencia da vida, como por exemplo, *La vida escolar en la Universidad de Sevilla, Refranes geográficos* e *Instituciones escolares*, torna do conhecimento do publico em geral, aquillo que, de ordinario, só é ouvido por um limitado numero de pessoas, revestidas mais ou menos de caráter oficial, ou, designadas por especial convite.

E' este um serviço com verdade credor de menção e, sem duvida, muito mais oportuno do que a insersão de simples trechos e excértos, que tantas vezes representam condenaveis mutilações e até ineptas preferencias.

No campo da filosofia propriamente dito, afigura-se-me de criteriosa orientação a escolha de Herbert Spencer para assunto sequente, visto como o celebre sabio e grande mestre inglez foi alma do movimento cientifico no seculo dezenove e ainda continúa e continuará durante seculos a iluminar o mundo estudioso com o fulgôr brilhantissimo e inapagavel da sua obra imensa e enciclopédica.

Compreende a nossa visinha peninsular, a fidalga e nobre Espanha, que é da maxima generalisação do ensino fornecido pelos trabalhos dos apostolos da ciencia nos seus esplendidos quadros, sintéticos e empolgantes, que depende o maior aprumo social dos povos e a melhor compenetração salutar de dignidade individual.

A prova de que assim compreende está no aparecimento da revista — *Vida Intelectual*, — e não só está ahi, mas tambem já o estava em outras publicações existentes antes, e permanece em novas de indole identica e similar que teem vindo a lume posteriormente.

E o facto de haver visibilidade em Espanha para taes produções impréssas, prova outrosim que o terreno não é sáfaro e que o meio, a população as recebe de boa mente, não sendo refratária a simílhantes instrumentos de instrução educativa.

Em Portugal, infelizmente, a imprensa tem pendido para o lado fraco e inglorio, derivando desta falta de equilibrio e de bom senso que a parte da população que escapa ao analfabetismo, apenas se alegra e se satisfaz lendo a dez réis noticias escandalosas e narrativas capazes de converter em ajentes do crime individuos, ainda não de todo prevertidos posto que pusilamines e suscétiveis com leituras alheias a sujidades, de entrar em caminho honesto e honrado.

E já agora que, por parentesis toquei neste ponto, não posso resistir nem quero esquivar-me a acrescentar mais alguma cousa.

E' soberanamente ridiculo e altissimamente incorréto o sistêma que teem alguns orgãos da imprensa quotidiana, de falar de pessoas e de coisas que nada absolutamente esclarecem o caso, quando enchem colunas e colunas descrevendo actos criminosos.

E' até muito mais do que ridiculo e incorréto, é delictuoso na inconfidencia e punivel na insolencia.

Se isto é mostra de querer educar um povo ignorante, então, françamente, o melhor é pedir ao governo que mande fechar todas as escolas, pois verdadeira e legitima só é e será a escola das folhas ambulantes, reproduzindo em estampa a figura dos assassinos, ladrões e incendiarios e a posição das suas vitimas, bem como inventariando moveis das habitações daquêles e destas, denunciando o modo de vida intimo dos parentes, visinhos e conhecidos de todos, etc., etc., e rematando tudo por alegação de serviços á sociedade que, pódem muito bem no dia imediato, descambar numa raia monumental!!

Ignoro se em Espanha se exibem espétaculos desta natureza; entretanto, a julgar pelos jornaes que de lá tenho lido, parece-me poder asseverar que não párem os cerebros dos nossos irmãos na continuidade do solo e no esforço heroico na luz da Historia, ideaes que desçam á lama impura e á treva ignobil.

Depois do que deixo escrito seria fastidiosa redundancia saudar aqui a direção e corpo de redatores da excelente revista ilustrada espanhola — *Vida Intelectual*.

D. Francisco de Noronha.

Uma festa de instrução no Colegio de Nossa Senhora das Dores

Com todo o encanto e alegria de uma festa infantil, se realisou no dia 17 do corrente a distribuição de premios ás alumnas no Colegio de Nossa Senhora das Dores, o primeiro de Lisboa para educação de meninas.

As provas de aproveitamento das alumnas constituiram o programa composto de 37 numeros, gimnastica, musica e representação, alem da exposição dos trabalhos de lavouros, desenhos e pintura a alguns muito distintos por sua novidade e perfeita execução.

A festa correu animadissima no meio de numerosa assistencia, principalmente de senhoras, que enchia as vastas salas e o espaçoso jardim de recreio onde tiveram logar os exercicios de gimnastica.

Este colegio, dirigido pela sr.ª D. Maria da Conceição Monteiro de Sousa Costa, senhora tão respeitavel como inteligente, tem realisado todas as indicações da pedagogia moderna, possuindo um corpo docente de professoras e professores de toda a competencia, como pudémos apreciar pelas provas que vimos.

A' distribuição de premios presidiu oficialmente o sr. Carneiro de Moura pela repartição de Instrucção Publica, que para cada menina premiada teve palavras de incitamento ao estudo, assim

D. Maria da Conceição Monteiro de Sousa Costa

como para a digna diretora do colegio, a quem num breve e eloquente improviso fez o elogio de suas qualidades de educadora carinhosa para as suas educandas, a qual bem merecia as palavras de reconhecimento da alocução que a menina Maria das Dores Oliveira, em nome das condiscipulas dirigiu á respeitavel senhora, benemerita da instrução a que tem votado o melhor da sua vida.

Esfolhadas. — Contos por Orlando Marçal e Fernão Côrte Real — Carta prefacio de Abel Botelho — Coimbra — Edição da Livraria Moura Marques — 1907 — *Porque me dirijo a dois moços de merito real e galhardamente documentado, dois candidos levitas do Ideal que para a rude faina litteraria vêm cheios de enthusiasmo e de fé, o meu dever essencial, n'este breve Prologo que me pedem, é mostrar-lhes com rasgada afoiteza como, na resvaladia cultura espiritual das lettras, não ha senão dois caminhos basilares a seguir: a arte ou o industrialismo, o arroteio arduo do talento ou a méra habilidade profissional*... taes são as palavras com que o primoroso prosador Abel Botelho inicia a carta prefacio que precede os curiosos e bem traçados contos de dois novos para mim completamente desconhecidos — Orlando Marçal e Fernão Côrte Real.

O primeiro conto — *Corações!*... — dedicado a um modesto, mas valioso romancista transmontano Vieira da Costa — lembra — pelo começo — o celebre conto do inolvidavel Eça — *Singularidades de uma rapariga loira* — é a historia de um rapaz que amava, pela sua indole de Tolstoiano, uma rapariga que mais apreciava Mary e Belot, e que se entregou depois a um homem casado.

O estilo, por simples e correcto, agrada e commove a todos os que lerem esse pedaço de prosa de Orlando Marçal. O segundo conto — feito por Fernão Côrte Real — é uma phantasia profana em que figuram como protogonistas a *Mana do abbade* — titulo d'essa producção — e o *menino Jesus do Altar*. E' um sonho de doente e histerica, bem escripto.

Analiso — pseudo-analiso, por ontra — estes dois contos que foram os que consegui ler por falta de occasião; mas, como desde janeiro, o sr. Orlando Marçal teve a amabilidade de offertar me um exemplar, não quiz eximir-me á grata tarefa de me referir, ainda que muito á ligeira, ás *Esfolhadas*.

O resto do elegante volume de 116-xv paginas é constituido pelos contos que, lidos por alto, afinam pelo mesmo diapasão estilistico, tanto os contos de Orlando Marçal — *Bohemia nocturna*, *Missa negra* e *No enterro do suicida*, como nos escriptos por Fernão Côrte Real — *O meu namoro* e *Coimbra pelo monóculo*.

Despretenciosos na maneira, os auctores devem seguir o primeiro conselho do magnifico prefaciador — Abel Botelho — seguir o *caminho basilar do industrialismo* pois que só por amor ás massas é que se póde escrever em Portugal... porque a *arte* para escriptores não resulta lucrativa!

Pedindo perdão aos dois moços — Orlando Marçal e Fernão Côrte Real — que têem valor, incontestavelmente, pela pobresa de estilo e de extensão n'este mal-amanhado artiguito, agradeço em nome do Occidente os exemplares que o sr. Orlando Marçal teve a amabilidade de enviar a esta revista e ao fraco signatario d'estas linhas que decerto lhes não agradam por serem tão mesquinhas.

IV-IV-CMVIII

Henrique Marques Junior.

Boletim da Sociedade de Propaganda de Portugal, *fundada em 28 de fevereiro de 1906. — Revista mensal sob a direcção da Commissão de Publicidade.*

Recebemos os n.os 1 a 4 desta publicação ilustrada de gravuras de coisas portuguêsas e nitidamente impressa. O n.º 1 do boletim é especialmente destinado á historia da fundação da Sociedade de Propapanda de Portugal, incluindo os seus estatutos aprovados por decreto de 4 de julho de 1906 balanço de suas contas etc. Os n.os 2 a 4 enceta a propaganda de Portugal, publicando artigos e gravuras ácerca dos monumentos, belesas, costumes, etc., do país, de utilidade para o tornar bem conhecido no estrangeiro.

Aplaudindo a patriotica iniciativa desta sociedade assim como a ideia de publicar o seu boletim, seja nos permitido lembrar sobre este ponto a vantagem de elle ser escrito em parte ou no todo em francês ou inglês, atendendo a que, segundo crêmos, será largamente distribuido no estrangeiro, que é onde mais convem vulgarisal-o, para o resultado que se pretende.

A representação da «Grã-Duqueza» no Asylo-Officina Santo Antonio de Lisboa

Já não é a primeira vez que o Occidente se tem occupado do Asylo Officina Santo Antonio de Lisboa e applaudido inteiramente o systema de educação, alliado aos mais salutares preceitos hygiecos, ministrado ás suas educandas. Este tão util, quanto agradavel estabelecimento de caridade, fundado em casa propria, pelo benemerito Luiz Pinto Moitinho, onde todas as asyladas se encontram bem, em toda a accepção da palavra, o que raras vezes succede em estabelecimentos semelhantes, póde considerar-se modelo em nossa capital.

Assim, visitemos os seus estabelecimentos de caridade e instrucção e poderemos avaliar quanto o Asylo Santo Antonio de Lisboa se avantaja sobre os seus congeneres.

A par de uma rigorosa educação moral, litteraria e profissional ha ali conforto, alegria, asseio; ha vida, bom ar, boa luz, tudo emfim que mais e melhor corresponde aos ideiaes modernos praticos e de utilidade.

Para amenisar o estudo e bem aproveitar as horas de ocio, a sua benemerita Direcção fez ali representar no theatrinho do asylo, e algumas vezes no Club Estephania, generosamente cedido para esse fim, a opera burlesca de grande espectaculo, de Henri Meillac e Ludovic Halévy a *Grã Duqueza* de Gerolstein, traduzida com a competencia e graça reconhecidas em Eduardo Garrido, e a bella musica de Offenbach.

Diga se com justiça que só devido á grande força de vontade e muita paciencia do sr. Henrique Carlos dos Santos Alves, que durante nove mezes cuidou attentamente do *mise-en scène*, e do distincto professor sr. Alfredo Mantua, que ensaiou magistralmente as diversas partituras e córos, é que se conseguiu o extraordinario exito da popular e deslumbrante opera burlesca, no desempenho da qual se distinguiram, nos diversos papeis, as educandas do Asylo Officina Santo Antonio de Lisboa.

Foi mais um insentivo para dispertar no espirito e coração de todas as pequenas amadoras, o amor, a vontade e o gosto pelo estudo, juntando assim o util ao agradavel.

Todos se houveram muito bem, e o conjuncto de primeira ordem.

Registamos com prazer nas paginas do Occidente a festa que a todos encantou e deixou saudades, sendo o seu fim caritativo. O nosso desejo é que se prosiga n'este caminho de boa educação, util, moral e agradavel, pelo que muito louvamos a actual Direcção.

No grupo que publicamos das educandas do Asylo, representando as varias personagens da peça, veem-se ao centro os seus benemeritos protectores e ensaiadores srs. Henrique Alves e Alfredo Mantua, que tão superiormente desempenharam a missão sympatica e civilisadora que se impozeram.

Honra lhes seja.

Rodrigo A. da Silva

A representação da «Grã Duqueza de Gerolstein» pelas educandas do Asilo-Officina de Santo Antonio de Lisboa
Grupo das enterpretes da peça com os ensaiadores srs. Henrique Alves e Alfredo Mantua

(Fotografia do sr. Arcadio)